

POESIA DESCALÇA

Apenas os homens livres podem negociar. NELSON MANDELA

Nº 115 - Ano 14 - Recife, dez 2013/jan 2014 - Distribuição gratuita.

PIRRO

Mesmo no fundo havia centelhas e cores
O abismo era ao mesmo tempo
Um mirante onde os olhos descansavam
E o limiar dos suicidas
E suas vozes penetrando nos ouvidos
Da angústia.

Retrocedi para o vale de cactos e pedras
Onde toda ilusão ainda era possível
O caminho de volta envolto em ossos e
Fantasmas
E o espartano desejo de sobreviver
A todas as guerras.

JOCA DE OLIVEIRA

(ianomangue@elogica.com.br)

SUMA BREVIDADE

Há frases que nasceram
Para fechar períodos:
ADEUS

ALTAMIRA DOURADO

TEMPO ÁCIDO

No bairro dos Coelhos
Becos e vielas
Trafegam dentro de mim

E me embrenho
Pela Rua da Glória:

Meio torto, meio saudoso
Daquilo que nunca vivi

A CILPE em frangalhos
Escombros, ruínas
Feros retorcidos
Desemprego

E o leite derramado
Escorrendo pelo Capibaribe

Nas margens do rio
Palafitas à margem de tudo

As lágrimas azuis das crianças
Enferrujando
A velha ponte de ferro

POETA MALUNGO

MILAGRES

Não, não sou contra os milagres.
Aos magos mostro o caminho:
Que multipliquem os pães,
Mas não esqueçam do vinho.

AUGUSTO SÉRGIO BASTOS

UM SUCO CONCEBIDO SEM PECADO (trecho)

E Jesus passou um tempo entre nós, treinando para santo. Brindou-nos o instante de tê-lo com a sua pressa e a solidão de perdê-lo. Dele falam a história acanhada e a enorme lenda. Disse coisas absurdas e sua voz perdeu o veludo quando se engrossou, mas não perdeu a verdade. Que os mortos de novo terão seus nervos e carnes com que revestir os ossos! Que todo mal é um mal-entendido! Circulou entre espíritos cariados, um povo que buscava liberdade às apalpadelas; fez-se guia como pode. Desceu aos pecadores mais vis, porque há frutas cuja colheita só presta quando já estão totalmente no chão! Teve o amor das adúlteras, viveu sua trágica utopia com volúpia e pragmatismo espantosos.

Como me admira este jovem! Mesmo sabendo que o homem cresce rumo ao silêncio, que tudo já existe, e que o mistério não depende de quem o contempla nem da música de fundo, não posso deixar de louvar sua sublime loucura.

Continuo miúdo como Deus me deixou e serei banquete de vermes, evidentemente; sequer adivinho o que me causa dor e trinco os dentes: é bobagem amar o teu verdugo. Não é bom perdoar; impossível! Como sugar o ódio do miocárdio insultado? Não é bem mais nobre odiar meus amigos ingratos que amar meus sujos inimigos? Não é o tapa em ambas as faces vingado que me devolve a cor? Perdoar sim, mas a um poderoso inimigo subjugado e altivo! Não, meu nazareno, nada de agora! Deixa que eu fique mais velho, tão velho que não preste mais para o amor de uma mulher e conversaremos. (FRUTOS DE ARRIBAÇÃO)

WILSON VIEIRA

(jose.wilson59@uol.com.br)

ESTADO DE SÍTIO

(a Zé Ricardo)

Tenho medo de perder o perdão,
Da solidão também tenho medo,
Tenho medo da paixão que me intriga,
Tenho medo de você, minha amiga.

Tenho medo dos olhos da noite,
Do sonho infinito
Da rua perdida.

NERIVALDO XAVIER

CASA PATERNA

Há idades esperando
Em cada cômodo da casa

Para estar aqui
Atravessamos muitas mortes

FERNANDO FÁBIO FIORESE FURTADO

RÉQUIEM Nº 2

Deixaram-me os sapatos
Jogados num canto do quarto
E as lembranças dos mortos
Dentro da noite

Não maldigo esta dor
Nem este canto punhal

De onde vieram
(e foram tantos)
Os filhos pra continuar
A existência?

JORGE LOPES (Curta Poema)



Não há inteligência onde não há mudanças...
H.G. WELLS

Antípoda, lambo teu sexo
Enquanto beijas meus colhões.
E o mundo se move
Em sessenta e nove
Rotações.

NEI LEANDRO DE CASTRO

NOTA:

O jornalista e poeta, Manuel da Rocha, editor da primeira versão do Poesia Descalça, faleceu no mês de novembro de 2013. Seus amigos colaboradores deste fanzine fomos surpreendidos com a triste notícia. Estamos de luto.

<p style="text-align: center;">AS POMBAS</p> <p>Vai-se a primeira pomba despertada... Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas Das pombas vão-se dos pombais, apenas Raia sanguínea e fresca a madrugada.</p> <p>E à tarde, quando a rígida nortada Sopra, aos pombais, de novo elas, serenas, Ruflando as asas, sacudindo as penas, Voltam todas em bando e em revoada...</p> <p>Também dos corações onde abotoam Os sonhos, um a um, céleres voam, Como voam as pombas dos pombais;</p> <p>No azul da adolescência as asas soltam, Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam, E eles aos corações não voltam mais.</p> <p style="text-align: center;">RAIMUNDO CORREIA</p>	<p style="text-align: center;">PÃO EM POESIA (trechos)</p> <p>O pão é simbologia De cidadania corrente, Incessante sonho De igualdade da gente.</p> <p>No infortúnio, Alma e corpo abatidos, O pão chega como O único amigo Pra aliviar da fome O castigo.</p> <p>Em Belém, Nasce o menino Que na maturidade Transforma O pão em divino.</p> <p style="text-align: center;">MÔNICA SIQUEIRA</p>	<p style="text-align: center;">BLUES DA PASSAGEM</p> <p>Mariposas na noite Morrem querendo luz Um calor de verdade por aí Circular na cidade E beber de cair As ruas são tão belas E a gente ri E a gente ri E acena de passagem Pairando na paisagem Alguém acena e ri</p> <p>Qualquer remédio O tédio é que dita Um Half, um “braite”, uma biritá Ao pouco-a-pouco Um rasgo louco de paixão</p> <p>Um brilho azul Na claridade morna Algum sinal de vida Tomando o corpo Pelo campo de visão Faz fazer rir E a gente ri E acena de passagem Do outro lado da paisagem Alguém acena e ri.</p> <p style="text-align: center;">ERICKSON LUNA</p>
<p>Não é que o mundo seja só ruim e triste. É que as pequenas notícias não saem nos grandes jornais.</p> <p>Quando uma pena flutua no ar por oito segundos, Ou a menina abraça o seu melhor amigo, Nenhum jornalista escreve a respeito. Só os poetas o fazem.</p> <p style="text-align: center;">RITA APOENA</p>	<p>Galeano: Nós precisamos de muito pouco. Apenas uns dos outros.</p> <p>Borges: o exercício da literatura (...) nos revela nossas impossibilidades, nossos severos limites. (LA CIFRA)</p> <p>Balau: No Sol da estrada/ O pequeno dragão/ Parado, na contramão. (TEIU)</p>	<p>Chove em Macapá. Gotas perpendiculares, Na Linha do Equador.</p> <p style="text-align: center;">CELSO BRITO</p>
<p style="text-align: center;">libertad</p> <p>Os poetas se reúnem na varanda Passa um helicóptero da polícia ?Quem pensará Que é tempo de liberdade?</p> <p>Liberdade era uma luz Que brilhava nos porões</p> <p>Conseguimos passes E um peso nos ombros</p> <p style="text-align: center;">HELENA ORTIZ</p>	<p>Aumenta aos poucos O grupo que está à porta As mãos antes vigorosas No trabalho ou na prece Agora se fecham em punho Feito flor que recrudescer Ao botão Murmurejam pragas Entre as orações E assim, retiram Um a um Os tijolos do edifício.</p> <p style="text-align: center;">FRANÇA, Cafuné, Olinda-PE, 2003.</p>	<p style="text-align: center;">O QUE É A LONGEVIDADE?</p> <p>É o horror de estar em um corpo humano cujas faculdades declinam, é uma insônia que se mede por décadas e não com agulhas de aço, é o peso de mares e de pirâmides, de antigas bibliotecas e dinastias, de auroras que viram Adão, é não ignorar que estou condenado à minha carne, à minha detestada voz, a meu nome, a uma rotina de recordações, ao castelhano, que não sei manejar, à nostalgia do Latim, que não sei, a querer fundir-me na morte e não poder fundir-me na morte, a ser e seguir sendo.</p> <p style="text-align: center;">JORGE LUIS BORGES</p> <p style="text-align: center;">.....</p> <p style="text-align: center;">DA HISTÓRIA</p> <p>Revolução? Esqueça Chega de afiar guilhotinas E perder a cabeça.</p> <p style="text-align: center;">VALMIR JORDÃO</p>
<p style="text-align: center;">ESSAS VELHAS SURPRESAS</p> <p>Fora do fogo, Não há saída: Porque fugir É a pior Maneira de ficar. Teus escuros E falsamente apodrecidos Pedaços Envenenarão os abutres: Isso ainda é lutar. Fora da luta, Não há descanso merecido, Não existe despertar.</p> <p style="text-align: center;">ALBERTO DA CUNHA MELO (Dez Poemas Políticos)</p>	<p style="text-align: center;">CÂNTICO</p> <p>Limarás tua esperança Até que a mó se desgaste; Mesmo sem mó, limarás Contra a sorte e o desespero.</p> <p>Até que tudo te seja Mais doloroso e profundo. Limarás sem mãos ou braços, Com o coração resolutivo.</p> <p>Conhecerás a esperança, Após a morte de tudo.</p> <p style="text-align: center;">CARLOS NEJAR</p>	